

A ficção como teoria: revisitando as relações de Lacan com o surrealismo

Richard Theisen Simanke*

Resumo: O artigo dá prosseguimento a um trabalho de pesquisa sobre as origens e os fundamentos do estilo lacaniano de teorização, retomando a discussão de seu contato com o surrealismo francês. Apesar do diálogo explícito com esse movimento ter sido limitado no tempo e tenha sido por fim desautorizado pelo autor, procura-se mostrar que certos princípios da doutrina surrealista continuam pressupostos no pensamento lacaniano e desempenham um papel crucial na elaboração de sua concepção particular sobre a natureza da teoria psicanalítica. Uma das principais teses dessa doutrina, comum ao surrealismo e à psicanálise lacaniana, seria o privilégio concedido à linguagem poética como instrumento para o conhecimento e a expressão do real do sujeito.

Palavras-chave: Lacan; surrealismo; teoria; ficção; metáfora

Fiction as theory: Lacan's relationship with surrealism revisited

Abstract: This paper is part of a research project about the origins and foundations of Lacan's theoretical style, and it aims to resume the discussion of his contacts with the French surrealism. In spite of the fact that Lacan's explicit dialogue with this artistic movement was limited in time and that the author, at last, denied its influence, I try to show that certain principles of the surrealistic doctrine remained presupposed in his later work and played a significant role in his particular conception on the nature of psychoanalytic theory. One of the main claims of this doctrine shared by the Lacanian

* Professor do PPG em Filosofia da UFSCar. Autor, entre outros trabalhos, de *A formação da teoria freudiana das psicoses* (Ed. 34, 1994), *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação* (Discurso Editorial, 2002) e *Mente, cérebro e consciência nos primórdios da metapsicologia freudiana: uma análise do Projeto de uma psicologia (1895) – Volume 1* (EDUFSCar, 2007). Atual coordenador do GT Filosofia e Psicanálise da ANPOF; e-mail: richardsimanke@uol.com.br

psychoanalysis and the surrealism would be the privilege of the poetical language as an instrument for the knowledge and expression of the reality of the subject.

Keywords: Lacan; surrealism; theory; fiction; metaphor

O que me impede de embaralhar a ordem das palavras, de atentar, dessa maneira contra a existência totalmente aparente das coisas! A linguagem pode e deve ser arrancada à sua servidão. Mais descrições conforme a natureza, mais estudos de costumes. Silêncio, a fim de que eu caminhe por onde ninguém jamais caminhou, silêncio! – Depois de ti, minha bela linguagem.

André Breton, *Introduction au discours sur le peu de réalité.*

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é mais introduzir e justificar certo encaminhamento a ser dado ao exame das relações entre Lacan e o surrealismo do que propriamente realizar ou, mesmo, dar início à realização desse exame. Trata-se, assim, de um texto mais programático e exploratório do que propositivo e, muito menos, conclusivo. Ele se encontra limitado desde várias perspectivas: falta-lhe tanto um trabalho mais intenso com os trabalhos de Lacan, quanto um diálogo mais cerrado com os textos surrealistas: procede, portanto, mais como um levantamento preliminar, um primeiro inventário dos materiais com os quais será possível trabalhar na seqüência.

No que se segue, apoiei-me muito – talvez demasiadamente – na interpretação do surrealismo proposta por Ferdinand Alquié na sua *Philosophie du surréalisme* (ALQUIÉ, 1955/1977), e menos do que devia nos textos originais. Ainda que tenha que ser complementada posteriormente, essa opção se explica pelo fato de que Alquié apresenta do surrealismo o essencial de seu ideário teórico, o qual interessa mais de perto ao presente trabalho; pode-se mencionar também as relações pessoais entre Lacan e o autor, que incluíam a discussão da estética surrealista. Podem-se encontrar observações como essa em sua correspondência: “Falaremos de tudo isso. Se, para grande pesar meu, você não puder vir, pretendo escrever-lhe sobre esse surrealismo que,

mesmo que não tenha aqui o mesmo lugar que para você, conta certamente muito em meus pensamentos presentes” (LACAN, 1928)¹.

Num primeiro momento, apresento um rápido histórico da problemática mais ampla na qual este trabalho se insere; a seguir, uma justificativa do interesse em retornar sobre as relações de Lacan com o surrealismo para essa problemática. Num terceiro momento, são apresentadas algumas razões pelas quais o compromisso de Lacan com o ideário surrealista pode ser considerado mais intenso e significativo do que se costuma supor, ainda que as referências explícitas à estética surrealista tenham-se tornado raras em Lacan e a influência desse movimento sobre seu pensamento tenha sido, inclusive, por ele finalmente recusada. Garcia (1992, p. 142), por exemplo, lembra como, em seu último Seminário, Lacan renega a influência do surrealismo, reconhecendo-se mais próximo do dadaísmo. O que se procura sugerir aqui, contudo, é que para além da influência direta ou da continuidade do diálogo, são os princípios da *doutrina surrealista* que permanecem ativos na construção do pensamento lacaniano e com ele convergem.

2. Uma concepção metafórica da teoria

Este trabalho visa dar continuidade a um projeto mais amplo de uma análise crítica – no sentido de explicitação dos fundamentos e dos compromissos conceituais e epistêmicos – do movimento geral da construção da psicanálise lacaniana, o qual inclui, entre outras coisas, um esforço de elucidação e de reconstituição da gênese de seu estilo próprio e fortemente idiossincrático de teorização. Em trabalhos anteriores (SIMANKE, 2002, 2003 e 2005), tratava-se de introduzir e desenvolver a idéia de que se poderia falar de uma *concepção metafórica da teoria* em Lacan, que tinha suas raízes numa tomada de posição rigorosamente inaugural em favor de uma epistemologia anti-realista e se prolongava tanto no seu esforço subsequente de fundamentação da psicanálise mediante uma teoria do imaginário de vocação antropológica (pelo menos num primeiro momento), quanto no seu compromisso posterior com o estruturalismo, no qual uma concepção particular da metáfora começava a tomar forma. Essa concepção, como se sabe, privilegiava os aspectos formais da operação metafórica, descrevendo-a muito

¹ Agradeço a Osmyr F. Gabbi Jr. que primeiro me chamou a atenção para a extensão da dívida de Lacan para com o surrealismo e sugeriu a leitura de Alquié.

mais em termos de uma série de substituições entre significantes no discurso do que como um processo expressivo voltado para a produção intencional de efeitos de sentido. Essa reflexão teria fornecido, assim, o fundamento para o tipo de leitura de Freud que Lacan empreendeu, na qual os termos freudianos vêm-se apropriados e inseridos num contexto teórico bastante diverso daquele no qual foram originariamente formulados, revestindo-se constantemente de novas significações que emanam dos pressupostos especificamente lacanianos a partir dos quais a teoria se constrói e de sua inserção em outros contextos teóricos derivados desses pressupostos (SIMANKE, 2003).

Numa outra direção, pareceu possível compreender – ou, pelo menos, fazer parecer menos arbitrário – o uso bastante heterodoxo que Lacan faz das inúmeras referências extra-psicanalíticas que ele mobiliza, em seu esforço de encontrar novas estratégias de formalização para a teoria psicanalítica². Em particular, foram tomadas como objeto de análise as inúmeras referências filosóficas que abundam nos trabalhos lacanianos ao longo de todo o percurso de seu pensamento. Procurou-se mostrar que as atitudes fortemente ambíguas de Lacan com relação à filosofia – que vão de uma crítica ácida que beira a desqualificação pura e simples a uma aproximação e até mesmo a uma virtual identificação entre o discurso psicanalítico e o filosófico – poderiam talvez ser reconciliadas no âmbito de um emprego predominantemente metafórico (ou retórico) de todo um conjunto significativo dessas referências filosóficas, destinado a exprimir questões clínicas cruciais e que apenas ganham sentido a partir do campo específico da psicanálise (SIMANKE, 2005).

Em ambos os casos, a *natureza ficcional da teoria* segundo a concepção lacianiana pareceu impor-se. Mais precisamente, começava a delinear-se uma visão da psicanálise, em seu esforço próprio de teorização sobre o sujeito (essa a maneira como Lacan sempre a compreendeu), como uma espécie de discurso literário ou quase literário que procurava equilibrar-se na tensão estabelecida entre os pólos opostos da *formalização* e da *expressão* da subjetividade, esta também, perfeitamente inaugural no percurso laciano, manifestando-se de diversas maneiras em vários momentos da obra

² “Formalização”, aqui, em sentido amplo, e não no sentido estrito (e mais usual) de formalização lógica ou simbólica. Safatle, por exemplo, propõe que a aproximação entre Lacan e a dialética negativa adorniana permite evidenciar como certa concepção das *formas estéticas* se oferece como alternativa de formalização da teoria psicanalítica, mais promissora do que a via pseudo-algébrica dos matemas: “Nossa questão final diz respeito à maneira possível de formalizar o que se apresenta como opacidade ontológica. Aqui uma reflexão sobre o pensamento psicanalítico da arte se impõe, na medida em que a formalização estética pode nos fornecer protocolos para um pensamento do que se apresenta como resistência à apreensão conceitual e à repetição fantasmática” (SAFATLE, 2006a, p. 269).

– por exemplo, na tensão entre a determinação e a autonomia do sujeito, que data das origens do pensamento de Lacan, em seu trabalho ainda como psiquiatra (SIMANKE, 2002).

A questão das relações entre psicanálise e literatura surge naturalmente dessas considerações, paralelamente com a questão de sob quais condições se poderia falar de uma *verdade literária* ou, mais especificamente, de uma *verdade metafórica*. Esse é, como se sabe, o problema de Paul Ricoeur em *A metáfora viva*. Ele aí examina três níveis – ou, para utilizar suas palavras, três “articulações disciplinares” – nos quais a metáfora pode ser considerada: o nível retórico ou do signo (a metáfora como “denominação desviante”), o nível semiótico ou do enunciado (a metáfora como “predicação impertinente”) e o nível hermenêutico ou do discurso (a metáfora como “ficção heurística”). Ele procura mostrar que só é legítimo falar de uma verdade metafórica a partir do nível do discurso e, na verdade, além dele, numa revisão da noção de referência metafórica que explicita como “a metáfora é o processo retórico pelo qual o discurso libera o poder que algumas ficções têm de redescrever a realidade” (RICOEUR, 1975/2000, p. 14). Será necessário, em algum momento do desenvolvimento posterior do presente projeto, tornar a discutir o alcance e o limite da posição lacaniana à luz dessas concepções, porque, em primeiro lugar, o conceito de metáfora com que Lacan trabalha parece restringir-se ao nível do signo – na verdade, ser interno a esse nível: “um significante por outro” – e, em segundo, porque Ricoeur conclui, ao fim e ao cabo, por uma limitação e não por uma ampliação do alcance do discurso poético em prol do discurso filosófico: “O discurso que se esforça para operar a *retomada* da ontologia implícita no enunciado metafórico é outro. Nesse sentido, *fundar* o que foi denominado verdade metafórica é também *limitar* o discurso poético” (*Ibid.*, p. 14-5; grifos do autor).

O diálogo entre psicanálise e literatura fora, como se sabe, estabelecido desde Freud, que reconheceu freqüentemente aos poetas e criadores literários em geral uma antecipação intuitiva das verdades psicanalíticas, ao mesmo tempo em que revisitava constantemente a literatura em busca de ilustrações e corroboração suplementar para as hipóteses psicanalíticas – como aponta Kofman (1985/1996), a “psicanálise da arte” em Freud é basicamente uma psicanálise da literatura. É claro que se pode pôr em discussão o sentido dessa relação em Freud. Safatle (2006a), aqui se referindo a Alain Badiou, aponta como a relação arte/psicanálise em Freud configura-se como uma via de mão única, como um “serviço gratuito” prestado pela arte à psicanálise, na medida em que a

primeira fornece evidência e justificação para as hipóteses da segunda que, no entanto, não se deixam, por isso, modificar em função dessa interface assim constituída. Tudo se passaria como se, para Freud, a produção artística não oferecesse nenhuma resistência especial ao esquema interpretativo próprio da psicanálise:

Se Freud chega a afirmar que os escritores são aliados preciosos é porque, para ele, há dois campos de exposição fenomenal de conceitos metapsicológicos: a clínica e a análise das produções culturais (estética e teoria social). Estes dois campos se colocam como *campos de legitimação* do saber analítico; no entanto, apenas a clínica funciona claramente como um *campo indutor* de produção de conceitos metapsicológicos. Freud nunca modificará a estrutura de um conceito metapsicológico ou de um processo de subjetivação analítica porque ele teria se mostrado insuficiente para apreender as produções estéticas (SAFATLE, 2006a, p. 270; grifos do autor).

Talvez se pudesse apontar como exceção a essa avaliação o conceito de sublimação³, que é proposto como um destino pulsional – definindo-se, portanto, no registro metapsicológico – em grande parte devido à necessidade de dar conta da dessexualização da meta da pulsão exigida pelo parentesco, ao mesmo tempo formal e genético, estabelecido por Freud entre a obra de arte, por um lado, e o sonho e a fantasia por outro⁴. Essa, no entanto, é uma questão que não cabe discutir aqui e, por outro lado, é inegável que a arte e a literatura desempenham um papel muito mais essencial na construção do pensamento lacaniano do que em Freud.

Seja como for, para além desse movimento da psicanálise em direção à arte e à literatura, o primeiro movimento artístico, estético e literário a refazer o trajeto em sentido inverso, da literatura à psicanálise, foi, com certeza, o surrealismo. Isso e mais o fato de que Lacan manteve um diálogo e uma explícita colaboração com o movimento surrealista, em seus primeiros anos, sugeriram a propriedade de se retomar a discussão desse diálogo, a fim de verificar que tipo de esclarecimento esse procedimento poderia acrescentar ao trabalho de compreensão do estilo lacaniano de teorização.

³ O autor reconhece como exceção a esse princípio – no campo da teoria social, mas não da estética – o conceito de supereu, que proviria já da teoria da antropogênese social apresentada em *Totem e tabu* (SAFATLE, 2006a, p. 270, nota).

⁴ Para uma tentativa de contestar a idéia de que essa aproximação se resumiria a um puro reducionismo psicológico, ver Simanke (1993).

3. Os temas e os métodos

A familiaridade do primeiro Lacan com o ideário surrealista é mais do que reconhecida, e cabe apenas recapitulá-la brevemente aqui. Ela se manifesta, de forma mais visível, no compartilhamento de certo número de *temas* que são caros a ambos; mas – e talvez isso se revele como o mais importante – a proposta lacaniana converge também com os *métodos* surrealistas, e por aí se pode abrir uma via para argumentar a favor de uma influência mais duradoura do surrealismo sobre o pensamento de Lacan, na medida em que uma série de princípios teóricos e – por que não dizer? – filosóficos, que estão implicados nesses métodos, continuarão atuando como organizadores do pensamento lacaniano em períodos posteriores a esse circunscrito, ainda que intenso diálogo inicial.

O mais evidente dos temas cujo interesse é compartilhado pelos surrealistas e pelo primeiro Lacan é, evidentemente, tratando-se este último de um psiquiatra, a *loucura*:

Resta a loucura, ‘a loucura que é aprisionada’, como bem disseram. Esta ou outra... Cada um sabe, de fato, que os loucos só devem a sua internação a um pequeno número de atos legalmente repreensíveis e que, na falta desses atos, a sua liberdade (aquilo que se vê de sua liberdade) não poderia estar em jogo. Que eles são, numa medida qualquer, vítimas da sua imaginação, estou pronto a reconhecer, porque ela os conduz à não observância de certas regras (aquilo que todo homem é pago para saber), fora das quais o gênero se sente visado (BRETON, 1924a/1994, p. 47)⁵.

Há pouca dificuldade em reconhecer, em passagens como esta, as premissas da abordagem da loucura efetuada por Lacan em sua tese de doutorado em psiquiatria alguns anos depois – aliás, fartamente celebrada nos meios surrealistas (ARANTES, 1992, p. 64) –, onde se tratava de contornar as armadilhas de uma leitura exclusivamente deficitária dos sintomas psicóticos e de mostrá-los como dotados de um sentido emanando de uma intencionalidade historicamente constituída, ao longo do processo de formação da personalidade, pela absorção do animal humano no meio social que se apresenta como seu único e efetivo ambiente, em todos os sentidos da palavra. Daí que o aspecto patológico de que se reveste a doença mental provenha

⁵ Cf. também Alquié (1955/1977, p. 26; grifos nossos): “É aqui que é preciso lembrar que os surrealistas quiseram primeiro explorar *o inconsciente, a loucura, os estados alucinatórios*, as ‘frases mais ou menos parciais que, em plena solidão, com a aproximação do sono, tornam-se perceptíveis para a mente’, as imagens que acompanham essas frases (...)”.

apenas da ausência daquilo que Lacan denomina *assentimento social*: a psicose assume a forma de uma personalidade discordante, na medida em que o sujeito não é reconhecido como tal pelo meio social no qual se encontra inserido e tampouco se reconhece nos valores e significações que esse meio lhe propõe, devido ao fato de que as crises sócio-vitais do desenvolvimento não puderam, por uma série de fatores que Lacan se empenha em especificar, ser resolvidas de modo totalmente compatível com as formas socialmente constituídas de subjetivação.

Esse interesse pela loucura se apresenta como ainda mais convergente quando se considera o destaque que aí recebe o problema da paranóia e o modo como Breton, por exemplo, retoma, na *Antologia do humor negro*, a célebre definição kraepeliniana da paranóia da qual Lacan também parte em sua tese, para depois afirmar que os artistas apresentam certo número de disposições em comum com os paranóicos e que apenas a capacidade de reproduzir e objetivar, pela expressão artística esses objetos exteriores, cuja “tirania” eles tão dolorosamente sofrem, os impede de sucumbir à loucura propriamente dita (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 85).

Dentro do campo mais amplo da loucura, a tragicidade da loucura feminina aparece com destaque, juntamente com a celebração do potencial revolucionário do amor e da própria feminilidade:

Glória, como dissemos Aragon e eu, à histeria e a seu cortejo de mulheres jovens e nuas que deslizam ao longo dos telhados. O problema da mulher é, no mundo, tudo aquilo que há de maravilhoso e de confuso. E isso na medida em que para lá nos conduz a fé que um homem não corrompido deve ser capaz de colocar, não apenas na Revolução, mas também no amor (BRETON, 1930/1994, p. 99).

Todo esse discurso sobre o amor, sobre a mulher amada (*la femme aimée*)⁶, repercute claramente no caso clínico paradigmático selecionado por Lacan para ilustrar, na tese de 1932, tanto suas teses clínicas quanto seu método psiquiátrico, onde a paciente Aimée aparece como uma típica heroína trágica, dilacerada entre o delírio persecutório e a fixação erotômana expressos em seus escritos, de cuja análise Lacan

⁶ Cf. Alquié (1955/1977, p. 94-5 e 98-9). E ainda: “Mas, em Aragon e Éluard, Paris e a Natureza cedem todo o lugar à mulher propriamente dita. Em Breton, eles mesmos são penetrados pela feminilidade, permitindo assim à esperança se tornar espera, e à espera revestir-se de um valor e de um sentido ontológicos” (*Ibid.*, p. 22). A significação ontológica do amor se manifestará bem mais tarde, no pensamento lacaniano, nas elaborações em torno do conceito de *objeto a* – metamorfose do pequeno outro imaginário de seus primeiros esquemas que o faz ressurgir no real –, por ele mesmo considerado fundamental para a sua visão da psicanálise. Veja-se, por exemplo, a epígrafe à última sessão do *Seminário 11*: “Eu te amo, mas porque, inexplicavelmente, eu amo em ti alguma coisa a mais do que tu – o objeto pequeno “a” – eu te mutilo” (LACAN, 1964/1973, p. 295).

retirará as evidências para a elaboração de sua teoria sobre as formas paranóicas do conhecimento (LACAN, 1932/1980, p. 153-206). Que essa não é uma peculiaridade exclusiva do primeiro Lacan pode ser evidenciado pela referência a momentos posteriores de seu Seminário, onde a tragicidade da condição feminina é retomada em estreita conexão com o tema da morte e da loucura, principalmente com relação a personagens literários, como a Atália de Racine (LACAN, 1955-1956/1981, p. 297-304) e a Antígona de Sófocles (LACAN, 1959-1960/1986, p. 285-333), entre outros.

O desejo de autopunição que se realiza para sua paciente inaugural mediante seu desajeitado *acting-out* homicida traz para o primeiro plano outro tema essencial para o primeiro Lacan e altamente prezado pelos surrealistas: o *desejo* como ponto de afirmação do sujeito e de recusa do realismo e do objetivismo, tanto no domínio da arte e da literatura quanto no da ciência. Trata-se, para os surrealistas, como diz Alquié, de “descobrir o infinito em nossas próprias potências, de atualizar diretamente, e *pelos vias do desejo*, a totalidade dessas potências” (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 40; grifos nossos). Em nenhum lugar, talvez, essa aproximação se afirme com mais força do que na concepção do desejo-fome de Salvador Dali:

Ninguém, sem dúvida, foi tão longe quanto Dali na via desse desejo desrealizante e possessivo. (...) é claro que nisso, *segundo a lei do desejo-fome que não pode possuir a não ser destruindo o que ele deseja*, o objeto é levado a negar-se a si mesmo para melhor se oferecer a nós: o relógio mole, fazendo-se semelhante a um *camembert*, nega sua essência de relógio, já que um objeto mole não poderia conter um mecanismo de relojoaria. O objeto mole é a negação de toda máquina e, por aí, de toda técnica física. Dali é, entretanto, o único a ter estritamente ligado a desrealização à essência digestiva e, como ele o diz, ‘canibal’ do desejo humano (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 82-3; grifos nossos).

Salta aos olhos, nessa passagem, a afinidade com a leitura kojéviana de Hegel, contemporânea a Dali e a Lacan, que está na origem dessa concepção anti-objetivista do desejo defendida por este último, na qual o que está em primeiro plano é o desejo enquanto ato e afirmação do sujeito (o “desejo puro” no qual Lacan tanto insistirá depois), em contraposição à passividade do objeto, que só pode ensejar uma atitude de contemplação igualmente passiva e que jamais poderia permitir a passagem fundamental à enunciação do sujeito na primeira pessoa (SIMANKE, 2002, p. 41-2). A comparação com o trecho pertinente do texto de Kojève, na qual a potência negadora do desejo é exemplarmente ilustrada pelo desejo do alimento que só se realiza na destruição (negação) do objeto desejado, deve bastar para estabelecer a convergência quanto a esse ponto:

O homem absorvido pelo objeto que ele contempla só pode voltar a si por um desejo: pelo desejo de comer, por exemplo. (...) Oriunda do desejo, a ação tende a satisfazê-lo, e ela só pode fazer isso pela negação, pela destruição ou, ao menos, pela transformação do objeto desejado: para satisfazer a fome, por exemplo, é preciso destruir ou, em todo caso, transformar o alimento. (...) Porque, se a ação que nasce do desejo destrói, para satisfazê-lo, uma realidade objetiva, ela cria em seu lugar, em e por essa própria destruição, uma realidade subjetiva. O Ser que come, por exemplo, cria e mantém sua própria realidade pela supressão da realidade diferente da sua, pela transformação de uma realidade outra em realidade sua, pela assimilação, pela interiorização de uma realidade estranha, externa (KOJÈVE, 1947/2002, p. 11-12).

Enfim, o último dos temas a ser ressaltado nessa recapitulação sumária dos pontos de contato iniciais entre Lacan e o ideário surrealista é a própria descoberta do pensamento freudiano, no que esse movimento artístico francês foi pioneiro, antecipando-se inclusive aos meios psiquiátricos nacionais e ao próprio Lacan, que muito parcimoniosamente, a princípio, incorporou as idéias do fundador da psicanálise às suas teorias. De qualquer maneira, o compromisso crescente de Lacan com o movimento psicanalítico e sua progressiva, ainda que idiossincrática redescoberta de Freud tornam significativo mais esse ponto em comum que não pode ser ignorado:

É preciso agradecer por isso às descobertas de Freud. Sob a égide dessas descobertas, uma corrente de opinião delinea-se finalmente para que o explorador humano possa levar mais longe suas investigações, pois está autorizado a não ter mais em conta apenas as realidades sumárias. (...) É com justa razão que Freud dirigiu sua crítica para o sonho (BRETON, 1924a/1994, p. 49).

Resta, por fim, a questão da linguagem. Embora o surrealismo não se restringisse, de forma alguma, a um movimento literário, foi por aí que ele começou e foi em função da literatura que seu programa estético foi delineado – e, seja como for, é com referência à sua visão da literatura e, sobretudo, da poesia que ele influirá mais duradoura e decididamente sobre Lacan. Além disso, quando se trata da linguagem, ultrapassamos o domínio dos *temas* privilegiados por esse movimento e ingressamos na questão dos *métodos*, por onde a discussão de suas relações com o pensamento lacaniano poderá ser aprofundada. Esses métodos – a escrita automática, os diversos tipos de jogos, a paranóia crítica⁷ – foram inspirados em parte pela psicanálise e resultaram, por exemplo, de uma exploração estética da regra fundamental da

⁷ O método crítico paranóico criado por Dali – “método espontâneo de conhecimento irracional, baseado na associação crítico-interpretativa dos fenômenos do delírio” (REBOUÇAS, 1986, p. 80) – teve uma participação mais ou menos evidente na formulação da concepção lacaniana da *paranóia como fenômeno de conhecimento* (SIMANKE, 2002, p. 59-150). Outro método daliniano, que antecipa um tema estético importante para o pensamento mais tardio de Lacan, é o da *anamorfose psíquica*: “reconstituição instantânea de um desejo, através de sua refração num ciclo de lembranças de caráter mais ou menos masoquista” (REBOUÇAS, 1986, p. 81; ver também LACAN, 1964/1973, p. 92-105).

associação livre. Mas, além disso, eles pressupõem toda uma *filosofia da linguagem*, que será também compartilhada por Lacan e se antecipará àquela que ele reencontrará no estruturalismo lingüístico no limiar dos anos 50, preparando o caminho para a sua assimilação. A consideração dessa filosofia da linguagem implícita ou explicitamente assumida pelo surrealismo fornece, assim, a porta de entrada para uma relação menos evidente com Lacan do que aquela que se manifesta no inventário de temas em comum recapitulado até agora. Dito de outra maneira, talvez seja possível ir além dessa influência mais manifesta e reconhecida do surrealismo sobre Lacan e mostrar que ela se prolonga não só na perenidade desses temas – a loucura, o trágico da condição feminina, o desejo, a morte, o amor, etc. – que estão longe de se restringir aos primeiros passos de seu itinerário intelectual, mas, sobretudo, em certos pressupostos teóricos dos métodos surrealistas e em certos princípios de sua estética, no que ganha destaque uma recusa do realismo e do objetivismo, tanto na concepção do desejo quanto do conhecimento, a qual se efetua mediante uma determinada concepção da linguagem enquanto tal que afirma sua precedência sobre o sentido e o sujeito, desembocando numa concepção mais geral segundo a qual a literatura e, acima de tudo a poesia seria a forma de discurso mais adequada à apreensão, à expressão e à formalização da subjetividade.

4. A filosofia do surrealismo em Lacan

A centralidade da linguagem e o fato de que a proposta surrealista não seja compreensível, sem essa referência, transparece na própria definição do termo fornecida no primeiro dos manifestos de Breton: “SURREALISMO, subst. masc. Automatismo psíquico puro através do qual se propõe exprimir, seja *verbalmente*, seja por *escrito*, seja de qualquer outro modo, o *funcionamento real do pensamento*” (BRETON, 1924a/1994, p. 55; grifos nossos). Ainda que outros modos de expressão sejam aí reconhecidos – embora não especificados – é a linguagem que se apresenta como ferramenta privilegiada para o acesso ao “funcionamento real do pensamento”, pelo que o projeto surrealista começa a se apresentar como *uma concepção da arte e da literatura como uma forma de conhecimento*.

A referência ao “real do pensamento” não deve causar confusão quanto ao caráter decididamente anti-realista dessa concepção do conhecimento. Em primeiro lugar, caberia observar, conforme Alquié, que:

Sem dúvida, com efeito, o pensamento automático é dito mais real porque ele participa da poesia, a qual, por sua vez, revela o mundo da surrealidade, o mundo ao qual, no *Manifesto*, Bréton atribui a 'realidade absoluta' e, desta vez, legitimamente, na medida em que este mundo lhe parece operar a síntese do mundo visível com o mundo imaginário (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 35).

O mundo da surrealidade e da “realidade absoluta” é um mundo de superação das oposições classicamente estabelecidas pela ciência e pela filosofia, como aquelas se dão entre o imaginário e o real, o sujeito e o objeto, etc. É nesse sentido, que o surrealismo aparece como uma proposta de uma *desrealização universal*: não como um privilégio concedido a um dos termos dessas oposições clássicas, na contramão do realismo científico e filosófico – isto é, não como uma simples proposta de substituição do privilégio concedido aí ao real e ao objeto pelo privilégio do imaginário e do sujeito, mas preservando intacta a significação de cada um desses pólos extremos. Tratar-se-ia, ao contrário, de uma revisão da própria oposição e de uma redefinição profunda de seus termos, tendo por meta e horizonte a ampliação em grande escala dessa visão considerada por demais estreita: “À inspiração objetivista da ciência, ao seu ‘realismo positivista’ e à sua ‘razão estreita’, Breton opõe ‘uma razão verdadeira e sem eclipses’ e ‘o apetite de um conhecimento universal a redescobrir’” (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 124)⁸.

A esse realismo se contrapõe, tanto em Lacan quanto em Breton – e praticamente nos mesmos termos –, a tese da extrema *precariedade* da realidade tal como ela se dá a conhecer cotidianamente: justamente aquela realidade que o realismo científico do objeto e o realismo espontâneo do senso comum procurariam erigir em absoluto e à qual eles pretenderiam atribuir um caráter *normativo*, uma atribuição cujos malefícios epistemológicos e clínicos Lacan já tinha exemplarmente diagnosticado ainda no campo da psiquiatria. Tanto é assim, que Lacan procura absolver o próprio Freud desse pecado, reinterpretando o sentido da sua noção de princípio de realidade: “Na perspectiva freudiana, o princípio de realidade se apresenta como se exercendo de uma maneira que é *essencialmente precária*” (LACAN, 1959-1960/1986, p. 40; grifos nossos). A mesma idéia já se encontrava presente na frase mesma de abertura do primeiro manifesto: “Tanta fé se tem na vida, na vida *em seu aspecto mais precário*, na

⁸ Ou ainda, com relação especificamente à noção de *surrealidade*, cujo parentesco com o *conceito lacaniano de real* poderá ser discutido na continuidade: “Ora, a noção de surrealidade tende precisamente, em Bréton, a subtrair a realidade autêntica ao império do conhecimento racional e da lógica; Bréton, como os metafísicos, percebe que o Mundo é discurso objetivo, e opõe a existência ao discurso, o Ser do qual a consciência porta a marca de infinidade às *leis restritivas* – e, por aí, *metafisicamente contingentes* – do universo da ciência” (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 76; grifos nossos).

vida real, naturalmente, que por fim essa fé acaba por desaparecer” (BRETON, 1924b/1985, p. 02; grifos nossos).

Dentro desse contexto, a referência ao real – ao real do pensamento, como se viu acima – longe de reforçar o realismo objetivista da ciência, do senso comum e de certas filosofias, torna-se, no surrealismo como em Lacan, um instrumento de sua crítica e da denúncia de sua crise: “a crise do objeto torna-se assim crise do sujeito e do real como um todo” (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 86). A idéia de que o ponto de vista do objeto, sobretudo como codificada pela atitude do realismo científico, longe de abrir uma via de acesso ao real, a encobre e a torna inacessível, pela confusão inextricável que engendra entre o real visado pelo conceito e os símbolos utilizados para formalizá-lo, motivou, como se sabe, em Lacan, uma ampla crítica do próprio conceito de objeto em psicanálise (LACAN, 1956-1957/1995), na qual se prolonga sua atitude inicial epistemologicamente anti-realista que precedeu mesmo seu ingresso definitivo no campo psicanalítico. Ora, essa idéia pode ser reencontrada quase que ponto por ponto no programa surrealista:

E a ciência das leis do objeto torna por sua vez possível a ação técnica, a *realização indireta do desejo humano* pela observação das relações que a razão descobriu e pela *submissão de nossa impaciência às leis da física*. (...) a ciência técnica não faz as coisas como a Natureza as faz; nascida da *constituição do objeto pela ruptura com o ontológico*, ela só pode reencontrar o real pelas vias da razão. Aqui tudo é linguagem, e a linguagem não poderá jamais se voltar totalmente contra a linguagem, *para deixar aparecer isso que ela só traduz simbolicamente* (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 145; grifos nossos)⁹.

Apenas para concluir com esse tema da recusa do objetivismo e do realismo científico, tanto por parte de Lacan quanto do surrealismo, vale a pena insistir no quanto essa noção do “surreal” que batiza o movimento está a serviço desse programa e no quanto ela converge com a distinção lacaniana entre a *realidade* – o sistema das imagens que a consciência do sujeito assume como o seu mundo – e o *real*, dimensão essencialmente negativa que se apresenta como aquilo que é impossível de ser

⁹ Essa crítica da objetividade científica enquanto obstáculo a uma apreensão do real do sujeito, que ecoa tão claramente o programa lacaniano, é detectada por Alquié sob diversas formas no conjunto das teses surrealistas, por exemplo, quando ele fala da: “(...) revolta contra a *tiranía da objetividade* (...), em sua aliança com um *princípio de realidade*, cujo efeito mais claro é *impedir o subjetivo e o objetivo de se reunirem*: é, portanto, ao *destruir a solidez da lógica do objeto* que o surrealismo poderá conseguir reencontrar tudo isso que nós somos. Mas reencontrar isso que nós somos, não é perder consciência; é aumentar nossa consciência. (...) Ele [o homem] concebe o mundo apenas sobre o *plano do objeto científico*?” (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 150). Lembremos, apenas que um dos passos inaugurais da releitura lacaniana de Freud consistiu numa crítica da noção de princípio de realidade (LACAN, 1936/1966; ver também MARCOS, 2003), num tom muito diverso daquele adotado na passagem do *Seminário 7* mencionada acima.

representado ou enunciado, mas que a teoria psicanalítica deve permitir que, de alguma maneira, se exprima em seus conceitos e trabalhe através deles. Nessa temática, faz-se presente, não apenas a recusa do objetivismo que acaba de ser mencionada, mas também a cautela contra pura e simplesmente privilegiar o ponto de vista do sujeito, opção que colocaria obstáculos inultrapassáveis a qualquer projeto teórico que visasse estabelecer o estatuto próprio da verdade desse sujeito (do ponto de vista de Lacan) ou que almeje que a arte e a literatura possam se constituir como uma forma de conhecimento daquilo que virtualmente não possa ser conhecido de outra forma. Acompanhando mais uma vez a interpretação de Alquié, encontramos que:

O surrealismo quis sempre evitar esse duplo perigo e é por isso que não se pode reduzi-lo *nem a um objetivismo nem a um subjetivismo*. Em 1924, Breton define *a surrealidade como uma espécie de “realidade absoluta”*. Mas o absoluto é precisamente isso de que não se pode falar sem torná-lo *relativo à linguagem*. (...) Assim, *esse Outro para o qual a consciência do homem se dirige por essência é sempre reduzido à linguagem*: ele se torna outro mundo (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 157; grifos nossos).

Essa passagem presta-se particularmente bem a articular os diversos pontos da convergência que se pretendeu sugerir aqui entre o itinerário lacaniano como um todo e o programa surrealista naquilo que este último estabelece como seus princípios mais fundamentais – melhor dizendo, na sua “filosofia”, que é precisamente aquilo de que Alquié se ocupa em seu livro. Em primeiro lugar, enuncia a tensão entre o subjetivo e o objetivo – ou entre a autonomia e a determinação do sujeito – sobre a qual Lacan erigiu a parte mais substancial de seu pensamento; em segundo, mostra como essa antinomia se dissolve pelo recurso à noção de surrealidade que, entendida “como uma espécie de realidade absoluta”, alude à conceitualização lacaniana do real¹⁰, onde se reitera a tentativa de ultrapassar aquela dualidade e equacionar aquela tensão; por último, aponta a linguagem como o instrumento com o qual essa tarefa pode ser empreendida. Para não prolongar demasiadamente este comentário, concentremo-nos nesse último ponto, perguntando-nos sobre qual filosofia da linguagem Lacan e o surrealismo podem compartilhar, para tentar mostrar como, a partir daí, toma forma uma concepção geral segundo a qual a literatura e, sobretudo, a poesia é a forma de discurso mais adequada à apreensão e à expressão do *real da subjetividade*.

¹⁰ Assim, por exemplo, Lacan referindo-se a Platão no contexto de uma discussão da relação entre a arte e a Coisa: “(...) Platão rebaixa a arte ao último grau das obras humanas, já que, para ele, tudo o que existe existe apenas em sua relação com a idéia, *que é real*. *O que existe é já apenas a imitação de um mais-que-real, de um surreal*” (LACAN, 1959-1960/1986, p. 169; grifos nossos).

Essa questão da linguagem talvez seja o problema central de toda essa discussão, e seu exame só poderá ser iniciado aqui. A epígrafe que encima estas notas expressa metaforicamente o ponto nodal da concepção surrealista, que é também a lacaniana: a linguagem, longe de pressupô-lo, precede o sujeito, determina-o e, no limite, o constitui, quer como um efeito de sentido que se precipita a partir das operações formais e combinatórias da estrutura (a posição *standard* do Lacan estruturalista dos anos 50), quer por um trabalho do significante sobre o real do corpo (a partir da virada dos anos 60¹¹). É essa referência essencial que funciona como um antídoto para o risco da proposta surrealista dissolver-se em algum dos gêneros do irracionalismo, no qual, na contramão de sua proposta explícita, nenhuma forma de conhecimento se tornasse possível¹². Assim, Alquié observa que “subtraída à linguagem, a experiência surrealista poderia tornar-se, com efeito, mística, espírita, ocultista” (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 29), sendo que a mesma observação poderia ser endereçada sem muitas dificuldades a Lacan. O mesmo autor prossegue, então, especificando essa função que a linguagem cumpre, para o surrealismo, como fundamento teórico e como instrumento metodológico de sua prática, ao mesmo tempo em que aponta como, quanto a esse aspecto também, esse movimento está retomando as lições oriundas do campo da psicanálise:

Ao contrário, ele [Breton] prefere a toda outra mensagem a mensagem verbal. ‘Eu tenho’, escreve ele, ‘e eis aí o essencial, a *inspiração verbal* por infinitamente mais rica de sentido visual, por infinitamente mais resistente ao olho, que *as imagens visuais propriamente ditas*’. A escrita automática se substitui, portanto, cada vez mais, no surrealismo, a todo outro modo de investigação (como, na elaboração método de Freud, a associação livre tomou o lugar da hipnose) (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 30; grifos nossos).

Não é difícil reconhecer nessa passagem a clássica precedência que Lacan veio a atribuir ao simbólico com relação ao imaginário. Mais adiante, essa significação metodológica é como que justificada por uma tese que também reencontra as

¹¹ Essa segunda concepção exige, é claro, uma redefinição da concepção lacaniana do significante, que não mais pode ser identificado com o significante verbal. De qualquer forma, é duvidoso que Lacan alguma vez tenha reduzido a linguagem ao meramente verbal, embora o modelo lingüístico tenha-lhe cumprido durante muito tempo uma função exemplar (BAIRRÃO, 2003). Essa observação coloca, de fato, um limite para sua aproximação com o surrealismo.

¹² “O surrealismo é a procura de uma *via de conhecimento* e de salvação, ele é atenção a tudo isso que eleva o homem acima dele mesmo ou, ao menos, parece levá-lo *para fora dele mesmo*” (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 28). Transparece aqui tanto a idéia da literatura como uma forma de conhecimento, quanto a ruptura com a noção de interioridade, igualmente inaugural em Lacan, seguindo nisso as diretrizes estabelecidas por Politzer desde o final da década de 20 (SIMANKE, 2002, p. 163-186), prolongando-se depois na sua concepção da “ex-centricidade” do sujeito.

formulações lacanianas, as quais, em determinados momentos de seu percurso, pelo menos, virtualmente, reduzem o sujeito à linguagem: “Se ele [Breton] se apega à linguagem, é para identificá-la ao homem (...)” (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 155). Mas é claro que, para que possa cumprir esse duplo papel – metodológico e fundacional – a própria concepção sobre o que seja e como opera a linguagem tem que ser revista, começando-se por questionar a referência necessária ao significado que, como se sabe, Lacan procurou sistematicamente substituir pela tese da primazia e da anterioridade lógica do significante. Assim, ao se referir às formas de linguagem que se apresentam na escrita automática e nos relatos de sonhos, Breton se refere aos mesmos como “esses produtos da atividade psíquica, tão desviados quanto possível da vontade de significar” (BRETON, 1930/1994, p. 97). Se, por outro lado, Lacan já foi criticado pelo abuso do malabarismo verbal e do jogo de palavras, até o ponto de tomar um trocadilho por um conceito e uma coincidência lingüística por uma identidade real, essa peculiaridade do estilo laciano pode, sem dificuldade, ser rastreada até as preferências literárias dos surrealistas, entre as quais Alquié (1955/1977, p. 84) destaca Brisset, para quem *todas as idéias enunciadas com sons semelhantes se relacionariam em seu princípio a um mesmo objeto*.

Foi indicado acima como esse retorno sobre as relações de Lacan com o surrealismo se dá no contexto da exploração de uma hipótese sobre a natureza metafórica da teoria segundo a concepção lacianiana. Esta última, por sua vez, se apóia numa concepção muito particular da metáfora, que põe em segundo plano seus aspectos conotativos e expressivos e enfatiza os aspectos formais da substituição significante em que consiste seu mecanismo, sentido em que seria possível tornar mais rigoroso o próprio conceito de metáfora, justificando assim sua função na teoria. Essa determinação de levar a sério as construções metafóricas às últimas conseqüências talvez seja o ponto em que as afinidades entre Lacan e o surrealismo, com relação à concepção de linguagem que compartilham, tornem-se mais chamativas:

A metáfora não resultaria de uma dificuldade em nomear o objeto, como pensam alguns, nem de um deslizamento analógico do pensamento. *É ao pé da letra que convém tomá-la*, como um desejo do espírito de que aquilo que ele exprime exista em toda realidade e, mais longe, como a crença, no instante em que ele o exprime, nessa realidade. (...) *Não consentiremos mais que a metáfora seja vista apenas como um artifício de linguagem*, um modo de exprimir-se mais ou menos preciso, mas sem ressonância, no espírito que a emprega nem *sobre o mundo ao qual ela se dirige* (NOUGÉ, 1933/1994, p. 113; grifos nossos).

A literalização da metáfora é, para Lacan, uma característica que se manifesta exemplarmente no discurso psicótico, que nisso traduz a natureza paranóica do conhecimento humano como um todo. Assim, essa maneira de compreender a metáfora, até o ponto em que é compartilhada pela psicanálise lacaniana e pelo surrealismo, aparece como o ponto nodal em que se cruzam uma concepção particular do conhecimento, do sujeito e da própria linguagem. Essa concepção de linguagem, com o conceito de metáfora que ela traz consigo, e, aliada à tese de que a literatura constitui-se em uma forma de conhecimento privilegiada para o acesso à verdade do sujeito, conduz, mais ou menos naturalmente, ao último ponto a ser ressaltado nesse rápido percurso sobre as relações possíveis entre Lacan e o surrealismo: o *privilégio da poesia*. Quanto ao ideário surrealista, esse privilégio é um ponto pacífico: é na poesia que seu projeto da literatura como conhecimento do homem se realiza. Na análise de Alquié, o movimento, longe de se degradar, alcança a sua maturidade estética – e, por assim dizer, epistêmica – quando esse privilégio se consolida:

Não se pode temer, por conseguinte, que, no que concerne à *pesquisa experimental*, o surrealismo tenha conhecido uma espécie de degradação, indo da mensagem à escrita automática e da escrita automática ao poema? (...) Eu penso, ao contrário, que a amenização aparente da experiência surrealista e sua *redução à linguagem* foram, não uma degradação, mas um *retorno a sua essência, que é poesia* (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 31; grifos nossos)¹³.

O compromisso com a revelação do ser do homem pela linguagem poética se reencontra nesse privilégio: a poesia é preferida pelo seu alcance ontológico, pela sua possibilidade de exprimir e constituir simultaneamente seu objeto, posição na qual se reafirma essa concepção, compartilhada por Lacan, do sujeito como um ser de linguagem, na qual culmina o anti-realismo que está na origem de ambos os projetos:

Se, portanto, Bréton, ao rejeitar a literatura, presta confiança à poesia, é que ela lhe parece *ontológica*, vital; ela lhe parece possuir as chaves da liberdade, conter a mensagem da felicidade humana, e isso na medida em que ela é *linguagem original, a única linguagem verdadeira, exprimindo o ser e criando seu objeto* (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 33; grifos nossos).

Como se observou acima, mencionando a análise de Paul Ricoeur, tal alcance ontológico concedido ao discurso poético está longe de ser um ponto pacífico e

¹³ O privilégio da poesia dentro do conjunto da literatura é claramente afirmado a seguir: “A passagem à poesia não foi, portanto, para os surrealistas, uma queda, nem um passo à frente: foi um retorno, e um retorno ao que eles não tinham jamais deixado. Mas é importante não confundir poesia e literatura. A literatura é rejeitada pelos surrealistas em nome da própria poesia” (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 32).

desprovido de dificuldades filosóficas. Não se trata, contudo, de discutir aqui essas dificuldades, mas apenas evidenciar que é essa a aposta surrealista e, num certo sentido, também a de Lacan, sejam quais forem os riscos envolvidos. Enfim, a fórmula lacaniana para a metáfora, onde se traduz a essência da linguagem poética é, como se sabe, profundamente solidária com sua concepção da linguagem: a redução dessa figura de retórica à operação puramente formal de substituição de um significante por outro, ao longo do eixo paradigmático da linguagem (para utilizarmos aqui o vocabulário da lingüística estrutural), reforça sua tese de que as palavras, no limite, podem significar qualquer coisa, o que resulta no mesmo que afirmar que elas, em última instância, não significam nada, sendo enquanto puros significantes que se devem considerar seus termos na maneira como operam na constituição e na determinação dos fenômenos da subjetividade. Safatle (2006b, p. 367-8, nota) aponta como, apenas por isso, a concepção lacaniana da metáfora já se aproxima do surrealismo – proximidade que procuramos ilustrar acima – e invoca como exemplo o jogo surrealista do “um no outro”, justificado, segundo Breton, pela premissa de que todo e qualquer objeto pode estar contido em qualquer outro¹⁴. Nesse sentido, a linguagem científica, a linguagem da objetividade, praticaria um mau realismo, confundindo o objeto, que é engendrado por ela, com o real do sujeito, que ela só pode encobrir. Todos esses aspectos em que o pensamento lacaniano reencontra o surrealista convergem na reafirmação do privilégio concedido à poesia como forma de expressão e, principalmente, de conhecimento:

Assim, *a poesia diz tudo ou, se se prefere, não diz nada*; o que é certo é que ela não se contenta de dizer alguma coisa, dizer alguma coisa sendo sempre *falar segundo o objeto* e, portanto, deixar o nível da *realidade humana una e total*. Dar um sentido intelectual às palavras de um poeta é abandonar a autenticidade pelo discurso, *o ser pelo objeto*, o certo pelo provável. A poesia e a metafísica crítica, cujo projeto nós cremos que ela reencontra, não podem mentir. Elas dizem o Ser e o homem, na medida em que *recusam a linguagem objetiva* e, com ela, toda hipótese e toda alienação (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 122-3; grifos nossos)¹⁵.

¹⁴ “*Um no outro* (...) é um jogo de correspondências (analogia), que se aproxima dos enigmas. Breton inventou-o por acaso, quando, acendendo um fósforo, percebeu na chama a forma da juba de um leão e procurou saber *se qualquer coisa podia ser expressa por qualquer outra*. Um jogador sai e pensa num objeto com o qual deve identificar-se; quando volta, os companheiros lhe dizem o nome de um objeto que ele deva encarnar” (REBOUÇAS, 1986, p. 51).

¹⁵ A oposição dessa concepção à linguagem e ao saber científico é explicitada mais adiante: “O saber científico separa o eu e o universo, que ele constitui como objeto. O *conhecimento poético* suprime essa separação, permite uma fusão graças à qual o sujeito humano, que o saber positivo condenava à solidão, penetra todos os segredos do Mundo. *O sonho, o inconsciente retomam seus direitos, o pensamento participa a todos os movimentos do real*, o homem sente nele a vida universal” (ALQUIÉ, 1955/1977, p. 126; grifos nossos).

Não é preciso ir muito longe para reencontrar essas idéias em Lacan, pelo menos desde *A instância da letra...*, onde, primeiro, a escuta da poesia remete à polifonia do discurso em que se atualiza a estrutura significante da linguagem e, depois, a condensação freudiana é identificada à metáfora, mesmo que por uma duvidosa etimologia atribuída à *Verdichtung* (LACAN, 1957/1966, p. 506-7 e 511). Na *Conferência de Bruxelas...*, encontramos uma expressão bastante clara do destaque concedido à poesia, em conexão com a concepção lacaniana da metáfora e da linguagem em geral: “Isso implica, por outro lado, que toda significação nova se engendre somente pela substituição de um significante por outro: dimensão da metáfora pela qual a realidade se impregna de poesia” (LACAN, 1960). E, mais adiante:

Eis o que se passa ao nível do inconsciente e o que faz que ele seja da natureza de um discurso. Se é que nós nos permitimos qualificar como discurso certo uso das estruturas da linguagem. A poesia já se efetua nesse nível? (...) São efeitos de retórica. Confirma-o a clínica, que os mostra se insinuando no discurso concreto e em tudo isso que se discerne em nossa conduta como marcada pela impressão do significante (LACAN, 1960).

E, apenas para fornecer mais uma ilustração sobre esse ponto antes de concluir, com especial destaque para a precedência da poesia sobre a literatura em geral, fiquemos com o episódio relatado por Éric Laurent, que testemunha a permanência e mesmo a acentuação dessa posição de ponta a ponta do percurso de Lacan e, de qualquer forma, apresenta a manifestação mais explícita possível da idéia de que o discurso adequado à enunciação da experiência psicanalítica deve reconciliar-se, em alguma medida, com as formas da expressão poética. Diz ele:

Em 1977, Lacan terminou por especificar que os recursos do psicanalista *não são tomados ao escritor em sentido geral, mas ao poeta*. No belíssimo número especial de *L’Ane* dedicado a Lacan, François Cheng nos relata que, ao receber o exemplar de *Écriture poétique chinoise*, Lacan lhe enviou o seguinte recado: ‘Declaro: de agora em diante, toda linguagem analítica deve ser poética’. Isso não significa que o analista se iguale em talento ao poeta, o que raramente ocorre, mas indica que ambos utilizam as mesmas fontes (LAURENT, 1992, p. 37).

5. Observações finais: poesia, expressão e formalização do sujeito

Embora admita uma convergência muito mais restrita entre Lacan e o surrealismo do que a que se pretendeu sugerir aqui, um autor como Malcolm Bowie, que aborda o pensamento de Lacan desde o ponto de vista dos estudos literários e com, digamos assim, as mesmas ferramentas, sintetiza admiravelmente esse compromisso

com a literatura entendida como poesia, que se afirmaria como condição para que o seu projeto teórico tenha alguma chance de sucesso:

A dívida de Lacan com relação à literatura e o estatuto muito conscientemente ‘escrito’ de seus textos são evidentes mesmo para o leitor apressado. Seus admiradores e seus detratores dão um lugar maior à sua escrita e à notável abundância dos jogos de palavras e paradoxos em suas avaliações a favor e contra sua obra. Mesmo se tal insistência conduz a erros múltiplos e a distorções da visão de conjunto, não é difícil admitir que ‘simples’ questões de estilo ganharam uma importância não habitual para uma teoria da mente. Pois a literatura não apenas admite mais facilmente suas origens inconscientes que outros tipos de linguagem, mas se regozija da superabundância de sentido que ela faz nascer e, portanto, propõe assim ao psicanalista *um modelo utilizável do inconsciente considerado como uma cadeia significativa* que se multiplica por si mesma ao infinito. *A poesia desempenha um papel exemplar a esse respeito (...). A teoria de Lacan parece exigir uma performance literária de um gênero ou de outro.* Se o inconsciente é ‘como a poesia’ em suas estruturas sobre-determinadas e polifônicas, aquele que, ao escrever, escolhe tratar do inconsciente e obedecer a suas leis em sua escrita deve necessariamente tornar-se *mais e mais semelhante a um poeta*, à medida que se aproxima do vivo de seu assunto (BOWIE, 1987/1988, p. 166-7; grifos nossos)¹⁶.

A serviço de quais objetivos pode estar uma concepção da teoria tal como essa? Lacan debateu-se desde seus primeiros trabalhos com a tarefa de estabelecer o estatuto preciso do tipo de discurso teórico adequado à enunciação dos fatos da subjetividade. Nesse percurso, rompeu tanto com uma determinada concepção de ciência e com uma série de posições filosóficas a ela associadas (o empirismo, o naturalismo, o realismo e o objetivismo, sobretudo) quanto, com o passar do tempo, com a própria atitude filosófica enquanto tal, muito embora seus pontos de vista quanto a esse aspecto tenham permanecido profundamente ambíguos, como se procurou mostrar em outro lugar (SIMANKE, 2005). É no contexto desse debate que se tratou de discutir aqui, muito preliminarmente, a herança ou a inspiração surrealista de Lacan e o modo como, a partir dela, em alguma medida, se impõe e toma forma uma concepção literária e, sobretudo, poética, do discurso psicanalítico, com todos os riscos que uma aposta como essa traz consigo. Mal comparando, numa formulação bastante conhecida, Giorgio Colli definiu a própria filosofia como uma espécie de gênero literário, criado por Platão para preencher o lugar deixado vacante por uma sabedoria ancestral, estranha à palavra escrita, que se perdera no passado e já não mais seria possível resgatar (COLLI, 1988, p. 9-10 e 91-

¹⁶ Bowie cita, a certa altura, uma passagem do livro de Morris Croll, *O estilo barroco em prosa*, que fala do barroco do século 17, mas poderia tranquilamente aplicar-se a Lacan. Reproduzimo-la apenas para enfatizar o quão literalmente é possível tachar de barroco o estilo lacaniano: “Eles não avançam de um ponto de vista lógico. Ao final, dizem exatamente o que diziam no começo. Sua progressão se faz inteiramente em direção a uma tomada de consciência imaginativa mais intensa: é uma metáfora que se volta sobre si mesma, de algum modo, para mostrar suas diferentes facetas; uma série de metáforas faz brilhar todos os seus fogos; ou uma cadeia de ‘anedotas’ e de paradoxos revela a energia de uma única apreensão no espírito do autor” (*apud* BOWIE, 1987/1988, p. 96).

98). Num certo sentido, poder-se-ia dizer que a psicanálise se transforma, nas mãos de Lacan, num novo gênero literário, concebido para substituir o discurso científico e o discurso filosófico da modernidade sobre o sujeito, que já teriam esgotado seu programa e revelado, historicamente, seus limites. Esse discurso literário – essa forma de “poesia” – teria que ser produzido a partir de um tipo específico de prática, de clínica, de “experimento” (num sentido não de todo alheio aos experimentos e jogos surrealistas), que é a situação analítica com suas regras. Em outras palavras, para Lacan, a psicanálise deveria tornar-se esse tipo de discurso experimental quase literário – ou, mais especificamente, quase poético – capaz de apreender, exprimir e, talvez, até mesmo, formalizar uma experiência do sujeito que não pode ser elaborada teoricamente, nem nos termos da *objetivação científica*, nem no âmbito de uma *racionalidade reflexiva*¹⁷, sem se descaracterizar enquanto tal, isto é, sem que se desvança aquilo que faz a singularidade e a irredutibilidade dessa experiência, na ausência das quais sequer é possível falar de sujeito no sentido estrito do termo. Um programa como esse esbarra em inúmeros obstáculos, inclusive alguns que são internos ao próprio pensamento de Lacan. Para dar apenas um exemplo, há a explícita recusa, na sua concepção da metáfora poética, da noção mesma de *expressão*, que Lacan considera solidária a uma teoria da linguagem que vê a origem da significação na mera *denotação*, e não na relação tensa, problemática e “dialética” entre significante e significado, como ele propõe:

Não se trata de uma nova trituração da relação sobre a qual repousa a *noção de expressão*, em que a coisa, aquilo a que a gente se refere, é expressa pela palavra, considerada como etiqueta. *É precisamente para dissolver essa idéia que meu discurso é feito* (LACAN, 1955-56, p. 254; grifos nossos).

É claro que sempre se pode argumentar que se trata aí de uma formulação precoce, que teria sido amplamente ultrapassada pelo desenvolvimento posterior do pensamento de Lacan – por exemplo, nas extensas elaborações sobre Joyce no seminário sobre *O sinthoma*. Mas ainda seria preciso mostrar que essas elaborações mais tardias propiciam, de fato, a formulação de um novo *conceito de expressão*, capaz de sustentar a irredutibilidade do sujeito no discurso e a resistência à sua dissolução na

¹⁷ Esse ponto é desenvolvido exemplarmente em Safatle (2006a), onde a razão dialética é tomada como modelo dessa racionalidade reflexiva e de sua incapacidade estrutural de formalizar a experiência do sujeito em sua irredutibilidade ontológica e onde uma solução para o impasse é buscada numa aproximação com a dialética negativa adorniana e na possibilidade de uma *formalização estética da subjetividade*, como já se mencionou acima.

maquinaria formal e simbólica da linguagem teórica. Este seria um dos problemas ainda em aberto na discussão desse aspecto do projeto lacaniano. Por isso, saber se esse projeto conduz a algum lugar – e aonde precisamente – e se os paradoxos sobre os quais se apóia (o problema da expressão, o conceito de verdade metafórica, as contradições de uma “ciência do sujeito” ou de uma “ciência do real”, etc.) podem ser equacionados satisfatoriamente é uma questão que requer ainda muitas elucidações e, evidentemente, mal pôde ser adequadamente formulada aqui.

Referências Bibliográficas

ALQUIÉ, F. (1955/1977) *Philosophie du surréalisme*. Paris: Flammarion.

ARANTES, P. (1992) “Hegel no espelho do Dr. Lacan”, in *Ide*, n. 22. São Paulo: SBPSP, p. 64-79.

BAIRRÃO, J. F. M. H. (2003) “Corpo e inconsciente”, in *Revista Olhar – CECH/UFSCar*, n. 8, p. 41-9.

BOWIE, M. (1987/1988) *Freud, Proust et Lacan: la théorie comme fiction*. Paris: Denoël.

BRETON, A. (1924a/1994) “Manifesto do surrealismo”, in GOMES, A. C. (org.). *A estética surrealista: textos doutrinários comentados*. São Paulo: Atlas, p. 47-62.

_____. (1924b/1985) “Manifiesto del surrealismo”, in *Manifiestos del surrealismo*. Barcelona: Labor.

_____. (1930/1994) “Segundo manifesto do surrealismo”, in GOMES, A. C. (org.). *A estética surrealista: textos doutrinários comentados*. São Paulo: Atlas, p. 91-104.

COLLI, G. (1988) *O nascimento da filosofia*. Campinas: Editora da Unicamp.

GARCIA, G. L. (1992) “Jacques Lacan alude a Tristan Tzara”, in GIROUD, F. et alii. *Lacan, você conhece?* São Paulo: Cultura Editores Associados, p. 142-9.

KOFMAN, S. (1985/1996) *A infância da arte: uma interpretação da estética freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

KOJÈVE, A. (1947/2002) *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: EDUERJ e Contraponto.

LACAN, J. (1928) “Lettre à F. Alquié, 04.06.1928”. *Bibliothèque Lacan, École Lacanienne de Psychanalyse*. Disponível em: <http://www.école-lacanienne.net>.

_____. (1932/1980) *De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité*. Paris: Seuil (Points).

_____. (1936/1966) “Au-delà du ‘Principe de réalité’”, in *Écrits*. Paris: Seuil, p. 73-92.

_____. (1955-1956/1981) *Le séminaire, livre III: les psychoses*. Paris: Seuil.

_____. (1956-1957/1995) *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1957/1966) “L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud”, in *Écrits*. Paris: Seuil, p. 493-528.

_____. (1959-1960/1986) *Le séminaire, livre VII: l’éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil.

_____. (1960) “Conférence de Bruxelles sur l’éthique de la psychanalyse”. *Bibliothèque Lacan, École Lacanienne de Psychanalyse*. Disponível em: <http://www.école-lacanienne.net>.

_____. (1964/1973) *Le séminaire, livre XI: les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil (Points).

LAURENT, E. (1992) “Quatro observações sobre a preocupação científica de Lacan”, in GIROUD, F. et alii. *Lacan, você conhece?* São Paulo: Cultura Editores Associados, p. 36-42.

MARCOS, J.-P. (2003) “Subversão da imagem: contribuição a uma leitura de ‘Para além do princípio de realidade’ (1936)”, in SAFATLE, V. (org.) *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. São Paulo: EDUNESP, p. 331-366.

NOUGÉ, P (1933/1994) “A metáfora transfigurada”, in GOMES, A. C. (org.) *A estética surrealista: textos doutrinários comentados*. São Paulo: Atlas, p. 113-4.

REBOUÇAS, M. de V. (1986) *Surrealismo*. São Paulo: Ática.

RICOEUR, P. (1975/2000) *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola.

SAFATLE, V. (2006a) *A paixão do negativo: Lacan e a dialética*. São Paulo: EDUNESP.

_____. (2006b) “Dois modos de amor pela superfície: Lacan, Nietzsche e os usos da metáfora e da ironia”, in FULGÊNCIO, L. (org.) *Filosofia da psicanálise: livro de conferências do I Congresso Internacional de Filosofia da Psicanálise*. São Paulo: Natureza Humana – Revista de Filosofia e Psicanálise, vol. 8, n. esp. 1, p. 357-79.

SIMANKE, R. T. (1993) “A psicanálise e a obra de arte”, in DUARTE, R. A. P. (org.) *Anais “A morte da arte hoje”*. Belo Horizonte: Laboratório de Estética da FAFICH/UFMG, p. 271-7.

_____. (2002) *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. São Paulo: Discurso Editorial, FAPESP e EDUFPR.

_____. (2003) “A letra e o sentido do ‘retorno a Freud’ de Lacan: a teoria como metáfora”, in SAFATLE, V. (org.) *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. São Paulo: EDUNESP, p. 277-304.

_____. (2005) “Nem filósofo, nem antifilósofo: notas sobre o papel das referências filosóficas na construção da psicanálise lacaniana”, in *Natureza Humana – Revista de Filosofia e Psicanálise*, v. 7, n. 1, p. 9-58.

Recebido em 25/07/08

Aprovado em 27/08/08